

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins Design gráfico: Flatland Design

AAP-ISBN: 978-972-9451-89-8 CITCEM-ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).











Apoio



Índice

15 Prefácio José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)

 Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa? Rui Gomes Coelho
- Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004 Vítor Oliveira Jorge
- Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal Jacinta Bugalhão
- Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes

 João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- Os memoráveis? A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto marca
 Frederico Agosto / João Silva
- A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas Tiago do Pereiro
- Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde José Paulo Francisco

- Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal) Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis

 Ana Cristina Ribeiro
- A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto Origens, Percursos e Estudos Sónia Couto
- 251 Valpaços uma nova carta arqueológica Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo Cátia Neto
- Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial

 José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente Alexandra Figueiredo / Claúdio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo! Ana Paula Almeida
- A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico

 Luís Serrão Gil
- 363 Arqueologia 3.0 Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável Mónica Rolo
- "Conversa de Arqueólogos" Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia Diogo Teixeira Dias
- Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)

 Rita Gaspar

- Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)

 Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático Lídia Fernandes
- Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia Rita Pires dos Santos
- O "Clã de Carenque", um projeto didático de arqueologia Eduardo Gonzalez Rocha
- Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal Mila Simões de Abreu
- O projeto FIRST-ART conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto
 PalæoCôa
 André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa Mário Reis
- Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)

 Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009 Mário Varela Gomes
- Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
 Daniela Cardoso
- Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG

 Daniela Maio
- A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I

 Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo Jorge de Oliveira
- Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo Maria de Jesus Sanches
- O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)

 João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
 Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes /
 João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal) César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa. Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja) Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território

 João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
 Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
 Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
 Rafael Lima
- O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
 António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
 Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves /
 Emílio Abad-Vidal
- A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
 Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- Do Bronze Final à Idade Média continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis

 João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)

 Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
 António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde Rui Pinheiro

O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto

Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva

O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga

Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá

- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cividade de Bagunte. O estado atual da investigação Pedro Brochado de Almeida
- Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado

Nuno Oliveira / Cristina Seoane

- Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro

 Daniela Ferreira
- Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor):
 da Idade do Ferro à Romanização
 Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza /
 Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança? João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves José Carvalho
- Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) Uma exploração agrícola romana do Douro Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica

 Lara Fernandes / Manuela Martins
- Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação

 Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- "Casa Romana" do Castro de São Domingos (Cristelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização Paulo André de P. Lemos
- A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico

 Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia) Rui Ramos
- Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-itálico na foz do Mondego Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide Lisboa Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- O contexto funerário do sector da "necrópole NO" da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora resultados de um projeto pluridisciplinar Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso Filipe Sousa / Catarina Felício
- O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de Mirobriga
 (Santiago do Cacém)
 Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 Balsa, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária Vítor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro) Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016 Laura Sousa / Teresa Soeiro
- Ritual, descarte ou afetividade? A presença de Canis lupus familiaris na Necrópole
 Noroeste de Olisipo (Lisboa)
 Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
 Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia) Joaquim Filipe Ramos
- Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia Virgílio Lopes

8. Época Medieval

Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional "português": algumas evidências e incógnitas Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média Rosa Varela Gomes
- Yábura e o seu território uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela resultados preliminares da escavação arqueológica Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica

 Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de "sunken featured buildings", nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvores da Idade média. Notas para reflexão Ana Maria da Costa Oliveira
- Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
 Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- "Portucalem Castrum Novum" entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)

 João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense Susana Temudo
- Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal

 Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média Pedro Azevedo
- Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
 Florbela Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa Martim Lopes / Tomás Mesquita

- Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
 Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- «Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta». Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínitico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde) Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa) Carlos Boavida
- Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)

 Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa

 Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal dos objetos às superstições: o coral vermelho Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI Eva Pires
- «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)

 Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
 Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia Francisco Raimundo
- As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
 José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde):
 reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
 André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristovão Fonseca /
 Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie /
 Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima /
 Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
 Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico Xurxo Ayán Vila / José Mª. Señorán Martín

O PROCESSO DE NEOLITIZAÇÃO NA PLATAFORMA DO MONDEGO: OS DADOS DO SECTOR C DO OUTEIRO DOS CASTELOS DE BEIJÓS (CARREGAL DO SAL)

João Carlos de Senna-Martinez¹, José Manuel Quintã Ventura² Colaborações³ de: Andreia Carvalho, Cíntia Maurício

RESUMO

O Outeiro dos Castelos de Beijós (COCB) é um sítio bem conhecido pela sua ocupação do BF (Senna-Martinez, 1993, 1994, 1995/1996a, 2000a e 2000b; Senna-Martinez e Ventura, 2008a; Senna-Martinez e Pedro, *Eds.* 2000). Contudo, uma outra utilização antrópica deste espaço, no NA, encontrava-se, ainda, sem divulgação adequada. Tal sucede apesar de parte das colecções se encontrarem expostas no *Museu Municipal de Carregal do Sal* e integrarem o respectivo Roteiro (Pinto, 2006; Senna-Martinez, 2006).

No ano lectivo de 2004/2005 duas alunas da Licenciatura em Arqueologia da FLUL – e colaboradoras neste artigo – desenharam e procederam à análise tipológica, no âmbito do seu seminário final, respectivamente da olaria e da indústria lítica associadas à ocupação do NA. Recupera-se aqui e integra-se esse contributo escolar dentro do que tem sido a melhor tradição da Uniarq.

Procuraremos ainda integrar os novos dados de COCB no âmbito, mais alargado, da Neolitização da bacia interior do Mondego e do Centro/Norte Português.

Palavras-chave: Neolítico Antigo; Centro/Norte Português; Plataforma do Mondego.

ABSTRACT

Outeiro dos Castelos de Beijós (COCB) is a well-known archaeological site for its Late Bronze Age occupation (Senna-Martinez, 1993, 1994, 1995/1996a, 2000a and 2000b; Senna-Martinez e Nunes, 1993; Senna-Martinez e Ventura, 2008a; Senna-Martinez and Pedro, Eds. 2000). However, another anthropic use of this space, in the Early Neolithic, was still, without adequate dissemination. This happens despite the fact that part of the collections are on display at the Municipal Museum of Carregal do Sal and are part of the respective catalogue (Pinto, 2006; Senna-Martinez, 2006).

In the 2004/2005 academic year, two students from FLUL's Degree in Archeology – and collaborators in this article – proceeded to draw and carry out the typological analysis, within the scope of their final seminar, respectively of the pottery and the lithic industry associated with the Ancient Neolithic occupation. Here we recuperate these academic efforts and integrate their contribution following what has been one of Uniarq's best traditions. We will also try to integrate the new COCB data in the broader scope of the Neolithisation of the Mondego inland basin and of the Portuguese Centre/North.

Keywords: Ancient Neolithic, Centre/North Portugal, Mondego Platform.

^{1.} Professor Associado (aposentado) da FLUL. Investigador Integrado do Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa. 1600-214 Lisboa. Portugal; smartinez@fl.ul.pt

^{2.} Investigador Colaborador do Centro de Arqueologia (Uniarq) da Universidade de Lisboa. 1600-214 Lisboa. Portugal.

^{3.} À data de realização dos trabalhos aqui incorporados (ano lectivo de 2004-2005) eram ambas alunas do 4º ano de Arqueologia da FLUL, hoje licenciadas. Além de desenho de materiais, aqui se incorporam abordagens analíticas às componentes lítica (Cíntia Maurício) e cerâmica (Andreia Carvalho) desenvolvidas enquanto trabalhos escolares sob orientação do primeiro autor. A responsabilidade final do presente texto é inteiramente dos autores.

1. O ARQUEOSSÍTIO DO CASTRO DO OUTEIRO DOS CASTELOS DE BEIJÓS (COCB), LOCALIZAÇÃO, AMBIENTE E ANTECEDENTES

O Outeiro dos Castelos de Beijós localiza-se na povoação que é sede da freguesia do mesmo nome, a qual ocupa parte da respectiva vertente sul, concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu. O seu ponto mais elevado (268m) tem de coordenadas 214.575/393.350 GAUSS, na Folha 199 da Carta Militar de Portugal, escala 1:25000 (Figura 1-1).

Encaixado na confluência da ribeira do Travassos com a de Beijós que mais a jusante se juntam ao Dão, o cabeço é constituído por granitos com fraca cobertura sedimentar. É dominante e controla estrategicamente a antiga via romana (herdeira de anteriores caminhos e, hoje, seguida em parte pela E.N. 337) de Oliveira do Conde a Viseu, por S. Gemil (ALAR-CÃO, 1988: 104 e fig.20).

Pelo facto de se encontra encaixado entre as duas ribeiras mencionadas e em cota bastante inferior à da superfície de aplanamento da Plataforma do Mondego COCB não tem qualquer controle visual directo sobre aquele espaço, numa situação aliás equivalente à do sítio do Castro de S. Cosme (CSC - Fig.1-4 - Senna-Martinez e Coelho, 1994/1988). Contudo, a cerca de quatro quilómetros para norte de COCB, no topo da vertente sueste do vale do Dão, fica o sítio do Cabeço do Cucão da Pedra Cavaleira (CCPC - Fig.1-2 - Senna-Martinez, et al. 1993) e, a distância equivalente para sudoeste, ao longo do vale da ribeira de Beijós, na sua vertente sul e em posição sobranceira à confluência desta com o Dão, fica o sítio da Malcata (MALC – Fig.1-3 – Senna-Martinez, Rocha e Ramos, 1993). Estes dois últimos sítios são interpretáveis, no primeiro caso como uma atalaia de COCB, no segundo como um "casal agrícola" na dependência daquele. Ambos possuem boa visibilidade sobre a rede fluvial em que se integram e, no caso de CCPC, sobre a Plataforma do Mondego.

A área envolvente é predominantemente constituída por cambissolos⁴, geralmente pouco profundos, formando algumas manchas de solos de "Classe A", nomeadamente nos terraços baixos das duas ribeiras, entremeadas por manchas de "Classe C e F", de capacidade agrícola reduzida (com limitações mo-

deradas ou acentuadas) ou apenas florestal⁵, com alguma horticultura e cultivo de milho e da oliveira em socalcos ou nas baixas aluviais, ocupando a vinha algumas das vertentes e parte dos interflúvios entre os cursos de agua principais.

Os solos mais ricos são, contudo e fortemente, produto de um grande investimento antrópico, provavelmente pós-medieval, causador igualmente de acentuada desflorestação das vertentes e preenchimento do fundo dos vales, o que torna problemático e nos obriga a grande prudência na possível transferência dos dados actuais para eventual utilização no período que aqui nos importa.

No Bronze Final (BF – Senna-Martinez, 2000b) a ocupação do cabeço deverá ter correspondido ao seu topo aplanado que hoje se apresenta bastante afectado pelas construções da povoação, extracção de pedra e areias, e despejos vários, estando, ainda, parcialmente florestado com pinheiro, sobretudo nas vertentes do quadrante noroeste. Abrangeria uma área máxima de 150m no sentido sudoeste/nordeste por 75m no sentido noroeste/sueste.

Além das recolhas iniciais provenientes de duas concentrações – a primeira realizada em 1986, aquando de um reconhecimento efectuado em companhia de Horácio Peixoto e a segunda devendo-se a este último, realizada em idênticas condições e local, já em 1990 (Senna-Martinez e Nunes, 1993) – em Setembro de 1992, no decurso dos trabalhos por nós efectuados na região⁶, Horácio Manuel Peixoto detectou uma si-

^{4.} cf. "Carta dos Solos", *Atlas do Ambiente*, III.1, Lisboa 1978.

^{5.} cf. "Carta de Capacidade de Uso do Solo", *Atlas do Ambiente*, Lisboa, 1978.

^{6.} Os trabalhos das seis campanhas efectuadas em Beijós integraram-se nos *Campos Arqueológicos de Canas de Senhorim*, anualmente efectuados desde 1991 a 2001, foram parcialmente financiados primeiro pelo IPPAAR e, a partir de 1996, pelo IPA e contaram com o apoio do *Câmara Municipal de Carregal do Sal*, *Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego (EAM)*, *Junta de Freguesia de Canas de Senhorim* e *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim*. A respectiva direcção coube ao autor, tendo a colaboração de Horácio Manuel Peixoto (da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Canas de Senhorim) e de diversos alunos universitários.

Agradece-se, em particular, a participação e colaboração de Adolfo Miguel Parente da Conceição, Ana Cristina Nunes Martins, Ana Godinho, Ana Sofia Senna Martinez, Bernard Coutourier, Catarina Maria Santos Guerra Tente, Isabel Maria Simões, Maria Antónia Costa Pereira, Miguel Ángel González López, Paula Alexandra Chagas Perdigão, Rui António Luz Cardoso, Sandra Clara Alves Lourenço, Susana Maria Gonçalves Estrela e Teresa Araújo.

tuação nova. Tendo-nos ambos deslocado ao local, aí pudemos constatar que, próximo do topo da vertente nordeste do cabeço, já fora das casas da povoação, a retirada recente de terra e pedra para reforço de um caminho pusera à vista, reavivando-o, um perfil onde afloravam diversas bolsas de terras escuras com restos de estruturas e abundante olaria integrável no Grupo Baiões/Santa Luzia. Em consequência desta identificação efectuaram-se três campanhas de escavação (1993/1994/1995) na área preservada do que ficou, desde então, designado como Sector-A (Figura 2-A). Já em 1995 e 1996 viemos a intervir noutra área preservada, o designado Sector-B (Fig.2-B - Senna--Martinez, 2000b: p. 48-55), onde nova ocupação do BF revelaria dados importantes sobre a metalurgia do Mundo Baiões/Santa Luzia (*Id.* p. 56-58).

2. O SECTOR C: AS INTERVENÇÕES DE 1999 E 2000

O ano de 1999 assistiu a novos desenvolvimentos em COCB. Mais uma vez foi Horácio Peixoto que nos alertou para o facto de que o alargamento, pela Junta de Freguesia de Beijós, de um caminho florestal na vertente Noroeste afectara níveis arqueológicos.

Duas campanhas, levadas a cabo nos verões de 1999 e 2000, permitiram esclarecer e minimizar a situação, permitindo ainda confirmar e caracterizar parcialmente a existência de uma ocupação do Neolítico Antigo (NA).

A área intervencionada (designada Sector-C – Fig.2--C) corresponde ao referido caminho, que se dispõe numa pendente de 20% ao longo da vertente Noroeste do cabeço. Este foi alargado e aplanado por uma máquina tendo, nesse processo, afectado irremediavelmente alguns níveis arqueológicos como é visível na foto da Fig. 3. Foi-nos, apesar de tudo, possível recuperar um bloco de terra virado pela máquina para o lado norte do caminho (Figura 3) e de cuja desmontagem se recolheu um conjunto, tipologicamente homogéneo, de materiais do NA. No verão de 1999, optámos então por, descendo o caminho a partir da área em que apareceu o referido bloco, demarcar uma quadrícula, ocupando uma extensão de 10m por uma largura de 3m (Figura 4), para tentar encontrar ainda alguma unidade estratigráfica preservada.

Na campanha de 1999 interviemos na parte de menor cota, próxima já do fim do estradão, abrindo uma área de 4m × 3m, quadrados FGH1-4 (Figura 5).

Escavadas as terras compactadas do topo de estradão [o], sob elas afloravam (chegando por vezes à superficie do terreno) já granitos alterados formando bolsas preenchidas por terras castanho escuras [1], areno argilosas com escassos materiais arqueológicos (Figura 6). Na segunda campanha efectuada neste Sector, no Verão de 2000, tendo em conta os resultados da intervenção do ano anterior, optámos por abrir uma faixa de 1m de largo ao longo da restante área do estradão, quadrados G5/10 (Figura 5).

A estratigrafia encontrada não se alterou em relação à determinada em 1999, com a variante de, quanto mais subíamos o estradão, menor era a cobertura sedimentar sobre os granitos de base (Figuras 7-8). Os trabalhos efectuados nas duas campanhas referidas permitiam, logo na sequência de uma primeira abordagem (ainda em campo) aos materiais recolhidos, concluir que estávamos provavelmente em presença de uma situação residual da ocupação do sítio no Neolítico Antigo, com materiais deslocados ao longo da vertente (incluindo alguns atribuíveis ao Bronze Fina), enquanto no topo desta localizar-se-ia a respectiva área de origem, ainda testemunhada pelo deslocado bloco de terra com materiais exclusivamente desta cronologia.

Existiria assim uma ocupação, mesmo que parcial, do cabeço no NA que teria sido quase totalmente afectada no BF sobrando algo no topo da vertente noroeste e que o alargamento do estradão acabaria de destruir. Toda a evidência recolhida, apesar do aspecto fresco e não rolado das fracturas dos fragmentos de olaria, aponta assim para contextos com alguma remobilização de materiais, portanto em posição estratigráfica secundária.

3. OS MATERIAIS RECOLHIDOS

O conjunto dos materiais recuperados distribuise por dois sub-conjuntos artefactuais distintos: (1) Olaria –140 fragmentos da escavação do Sector-C (118 atribuíveis ao NA, para um NMI de 13 – enquanto 22 pertenciam ao BF) e 4 fragmentos provenientes do bloco de terra deslocado e atribuíveis ao NA; (2) Indústria lítica – da qual 79 itens provêm da escavação do Sector-C (todos atribuíveis ao NA) e mais 12 recuperados no bloco de terra deslocado (11 atribuíveis ao NA e 1 ao BF).

3.1. A Olaria

Conforme referido acima recuperámos, dos diver-

sos contextos, um total de 122 fragmentos de olaria provavelmente atribuíveis ao NA. Destes, considerando todos os fragmentos com bordo (todos eles decorados) e os fragmentos com decoração enquadrável neste período, chegamos a um NMI⁷ de 17 recipientes (Figuras. 9-13) (Tabela 1).

Apenas foi possível reconstituir a Forma⁸ de 5 exemplares correspondendo a: dois esféricos (Forma 5 do "fundo comum Neo-Calcolítico" regional, cf. Senna-Martinez, 1989, 1995: fig.5 – Fig.10: 2008, 2068), um vaso tipo saco (Forma 13.1 – Senna-Martinez, 1995: fig.5 – Fig. 10: 2069) e duas tigelas (Formas 4.1 e 4.2 – Senna-Martinez, 1995: fig.5 – Fig.11: 2070, 2071/2134). Apesar da escassez da amostra, parecenos de salientar que as Formas reconstituíveis são as predominantes nos contextos regionais próximos, tal como a maioria das gramáticas decorativas (Valera, 1998).

Dos restantes doze fragmentos que apresentam decorações enquadráveis no NA, apenas um permite propor uma orientação e diâmetro sem que, no entanto, possamos fazer-lhe corresponder uma Forma específica (Figura 12: 2133).

As respectivas pastas, são, com poucas excepções⁹, dominantemente compactas, de tendência de cozedura oxidante, acabamentos (onde a conservação das superfícies permite a observação) predominantemente alisados, elementos não plásticos de pequeno calibre (predominantemente micas, com alguns quartzos e feldspatos) e uniformemente distribuídos. Do acima exposto se pode concluir que o elemento essencial na nossa atribuição crono-cultural da maioria deste conjunto de fragmentos é a decoração, a qual perpetua elementos do já bem conhecido NA regional onde ocorre numa maioria de recipientes (Valera, 1998: p.134-139) ao contrário de alguns ambientes mais meridionais (Diniz, 2007).

Particularmente interessantes na nossa amostra são os dois recipientes parcialmente reconstituíveis – o esférico COCB-C/2008 e o vaso tipo saco COCB-C/2069 – ambos com uma banda de decoração em "falsa folha de acácia" (impressão a punção lateral) em espinha múltipla, no primeiro caso sob o bordo decorado com pequenos mamilos repuxados, no segundo sobre o colo e com uma pega mamilar sobre o bordo. Também o fragmento COCB-C/2046, apesar de diminuto, apresenta uma decoração impressa a punção lateral que pode ter feito parte de um motivo semelhante (Figura 13: 2046).

Neste exemplares a decoração remete-nos para ambientes mais meridionais, por exemplo S. Pedro de Canaferrim, onde se encontra bem documentada (Sintra – cf. Simões, 1999: p.71), ou mesmo alentejanos, como a Valada do Mato (Évora – cf. Diniz, 2007: 260) onde é minoritária. Nos sítios mais próximos do Complexo 1 do Penedo da Penha (CPP1) ou do Buraco da Moura de S. Romão (BMSR) esta decoração parece estar ausente.

A decoração em "boquique a espátula", presente regionalmente quer em CPP1 quer em BMSR, está presente numa taça – COCB-C/2071/2134 (Fig.11) – formando linhas verticais, num fragmento apenas orientável – COCB-C/2133 (Fig.12) – com uma banda de impressões horizontais, donde pendem grinaldas, num fragmento – COCB-C/2011 (Fig.13) – e encontramo-la ainda num esférico – COCB-C/2068 (Fig.10) – numa decoração complexa que associa métopas sob o bordo com, pelo menos, duas variantes: uma combinação multidireccional de boquiques e impressões sub-rectangulares.

Igualmente presente em CPP1 está a decoração impressa com uma matriz quadrangular, formando linhas horizontais, que encontramos no bordo da taça COCB-C/2070 (Fig.11).

Para terminar esta nossa análise das técnicas e gramáticas decorativas refiramos, com particular detalhe, dois conjuntos de fragmentos de bojo de dois recipientes distintos mas de Forma não-reconstituível: COCB-C/2000 – representado por três fragmentos (Fig.9), decorados com ungulações, técnica e motivo igualmente presentes em CPP1 e BMSR (Valera, 1998); COCB-C/2004 – conjunto de quatro fragmentos de bojo (Figura 9), decorados com pequenos mamilos repuxados agrupados, semelhantes aos que sublinham o lábio dos três fragmentos de bordo do esférico COCB-C/2008 (Figura 9 e 10).

^{7.} Parâmetros de análise da olaria conforme Senna-Martinez (1993: Apêndice-I, p.118-122).

^{8.} Conforme desde há longa data Senna-Martinez (1989) consideramos que, a designação de Forma, aplicada ao estudo de recipientes de olaria, constitui um conceito equivalente ao de Tipo segundo é definido por Clarke (1978: 205-244).

^{9.} As condições de recolha fazem com que seja particularmente difícil separar fragmentos de bojo de recipientes lisos (i.e. sem decoração) entre o NA e BF. Pelo que qualquer contabilização estatística apenas poderia ser feita a partir do reduzido número de exemplares que integram o NMI, razão pelo que os dados aduzidos são apenas indicativos.

3.2. A Indústria Lítica

Para efeitos da respectiva análise tipológica os materiais líticos recolhidos (90 exemplares) estão agrupados dentro das seguintes categorias: (1) material de debitagem (compreendendo os produtos brutos de talhe); (2) núcleos; (3) material de reavivagem; (4) percutores; (5) utensílios (Tabela 2).

Matérias-Primas

A matéria-prima predominante em qualquer uma das categorias em análise é, preferencialmente, o quartzo leitoso (74,7%). Conquanto minoritárias, as rochas siliciosas "de tipo sílex" têm uma presença global significativa (15,4 %), sobretudo nas lascas (23,3%) e material de reavivagem (23,5%), mas mais reduzida nos utensílios (11,1%) e núcleos (6,5%). Estes últimos – dois exemplares exaustos e de tipo poliédrico – não se adequam à produção de suportes alongados, pelo que o único utensílio em sílex recolhido, uma lamela retocada, poderá não ter partido de um suporte de produção local.

Outras rochas, nomeadamente o quartzo hialino (5,5%), a ágata (1,1%) e o calcário silicificado (1,1%), têm uma presença muito vestigial (no total representam 7,7% do conjunto estudado). O seu uso pode relacionar-se com uma estratégia oportunista de aproveitamento não sistemático de outras matérias-primas disponíveis. Apenas no caso do quartzo hialino – com maior representatividade – e tendo em linha de conta a sua escolha preferencial na produção de lamelas em momentos do Neolítico Médio e Final regional, podemos por a hipótese de termos aqui um antecedente deliberado (?).

Registe-se ainda a presença de uma lasca de anfibolito, eventualmente conectada com as primeiras produções de artefactos de gume cortante em pedra polida, contudo também muito raros nos outros contextos do NA regional (Senna-Martinez e Ventura, 2008b; Ventura, 1998).

Resulta claro dos parágrafos supra que as matérias-primas locais têm, em COCB-C, uma presença maioritária, senão exclusiva (?) (Figura 14).

Debitagem

A debitagem é dominada por lascas, com apenas

duas lamelas, ambas retocadas. Destas últimas, uma (a de calcário silicificado – COCB-C/2010, Fig.14) é um fragmento distal, a outra (em quartzo hialino – COCB-C/2067, Fig.14) é ultrapassada e espessa tratando-se, provavelmente, de um acidente de talhe, embora tenha sido retocada para utilização.

Esta distribuição do material de debitagem revela uma clara orientação para a produção preferencial de suportes sobre lasca e não para a produção de suportes alongados.

As lascas

São maioritariamente realizadas em quartzo, havendo ainda uma quantidade considerável de lascas de sílex -7 num total de 30 (23,3%). As suas dimensões médias são generalizadamente pequenas: Comprimento 1,7 \pm 0,4 cm; largura 1,8 \pm 1 cm; espessura 0,7 \pm 0,3 cm. O desvio-padrão não é muito elevado, o que parece indicar alguma uniformidade de dimensões. No entanto, as suas formas são bastante variadas, e esta aparente uniformidade deve-se mais provavelmente às dimensões dos núcleos disponíveis.

Apenas duas lascas apresentam vestígios de córtex, pelo que a maioria do material de debitagem não se deve relacionar com a conformação final de núcleos parcialmente descorticados, derivando antes do aproveitamento local de pequenos núcleos pré-formados. Os talões das lascas são tendencialmente lisos e com alguma frequência esmagados, o que indicia o predomínio do talhe directo com percutor duro, sendo as mesmas obtidas a partir de núcleos poliédricos. As lascas resultantes da aplicação deste método não se tratam de produções normalizadas, sendo delgadas e de morfologias variadas (Carvalho, 1998: p. 81). Segundo António Faustino de Carvalho, a produção de lascas por percussão directa através da exploração de núcleos poliédricos pode ser inserida dentro dos principais sistemas técnicos de talhe de pedra durante o Neolítico Antigo (Carvalho, 1998: p. 78-82), sistema este aplicável tanto nas lascas em quartzo, como nas lascas em sílex e rochas afins. Uma boa parte destas lascas deriva provavelmente da preparação de planos de percussão e outras destinar-se-iam a servir de suporte a utensílios a posteriori, o que pode ser materializado, por exemplo, no raspador COCB-C/2076 e buril COCB-C/2124 (Figura 14). Dadas as limitações da amostra (apenas 10,1% são utensílios), torna-se impossível ser afirmativo em relação ao peso das lascas como suporte preferencial

^{10.} Conhecemos regionalmente fontes de produtos siliciosos de tipo sílex, mas apenas de pequenas dimensões e permitindo apenas produção de lamelas e pequenas lascas (Valera, 1997: Anexo III).

para a produção de utensílios, contudo a predominância absoluta destas dentro do material de debitagem conduz-nos a pensarmos estar perante uma indústria sobre lasca.

Núcleos e Material de Reavivagem

A proporção de núcleos no conjunto lítico recolhido é elevada (34,8%), ainda que maioritariamente a amostra seja constituída por exemplares fragmentados (Fig.15). A utilização de duas únicas matérias primas – quartzo leitoso (94,0%) e rochas tipo sílex (6,5%) – está em linha com o que são, nesse particular, as características do conjunto.

Apesar denão existirem núcleos de quartzo hialino, a presença no conjunto do material de reavivagem de uma lasca/flanco é indicativa de que, certamente, haveria também a exploração de cristais desta rocha. Considerando apenas os núcleos completos, podem ser divididos da seguinte forma quanto à sua tipologia:

- Prismáticos 5 exemplares. Talhe a partir de uma única plataforma intencionalmente seleccionada, resultando na formação de negativos dispostos de forma paralela, provavelmente originando produtos micro-laminares;
- Poliédricos 4 exemplares incluindo os dois únicos em sílex. Debitagem efectuada de forma desordenada e aleatória, sem qualquer padrão de levantamentos, não permitindo a produção de suportes estandardizados e afectando quase toda a superfície;
- Discóide 1 exemplar. Apresenta um volume achatado com a plataforma de percussão constituída pela aresta irregular formada pela intersecção entre duas metades opostas do nódulo, utilizadas ambas como superfície de debitagem;
- 4. Irregulares e fragmentos tipologicamente indetermináveis Respectivamente com 1 exemplar e 19 exemplares. Dos fragmentos estudados, um número significativo (9 47,4%) podem eventualmente ser atribuíveis a núcleos prismáticos (tal como as tabuinhas de reavivagem). Tal traduziria uma tendência para a exploração preferencial de núcleos prismáticos, de resto o tipo mais adequado para a obtenção de suportes micro-laminares, ainda que o reduzido número de exemplares completos não permita maiores certezas.

A escassez de lascas corticais, inclina-nos a pensar que os núcleos provavelmente seriam previamente formatados antes de serem levados para o povoado, o que facilitaria o seu transporte.

As dimensões bastante diminutas dos exemplares recolhidos explicam o tamanho reduzido das lascas obtidas.

Na maioria os núcleos e aqueles fragmentos que permitem tal tipo de observação, nomeadamente os que utilizam quartzo hialino, estão longe de se encontrarem exaustos, pelo que deveriam ser explorados para responder às necessidades mais imediatas, sendo rapidamente descartados. A abundância local//regional de nódulos de quartzo permitia que a estratégia de aproveitamento deste recurso não obrigasse a uma exploração mais eficaz dos núcleos. Já os núcleos de rochas de tipo sílex apresentam-se exaustos. A maior escassez deste tipo de recurso pode assim ter conduzido a uma maior rentabilização destes materiais. Tal permite-nos falar numa gestão diferenciada das diferentes matérias-primas, consoante as suas diferentes disponibilidades.

O Material de reavivagem (17 exemplares – 18,7%) distribui-se entre flancos de núcleo (12 exemplares – 70,6%) e tabuinhas de reavivagem (5 exemplares – 29,4%). Sendo indicativo do talhe local, a existência de três flancos e uma tabuinha de reavivagem em sílex confirma pela sua morfologia a utilização de núcleos prismáticos. Por outro lado o exemplar de flanco de núcleo em quartzo hialino conforma a utilização desta rocha, provavelmente também num núcleo prismático.

Percutores

A presença de dois percutores utilizando seixos de quartzo somada aos dados aduzidos anteriormente constitui mais um indicador de talhe local de matérias-primas que chegariam sob a forma de núcleos pré-formados.

Utensílios

Os 9 exemplares de utensílios, claramente minoritários na indústria recolhida (10,1%) distribuem-se por 6 tipos diferentes (Tabela 2):

 Geométricos – 3 exemplares – 2 crescentes e um triângulo. Um dos crescentes e o triângulo (Fig.14: 2127) são produzidos em quartzo leitoso enquanto o outro crescente é de quartzo hialino, sendo todos talhados a partir de suportes micro-laminares (tal como noutras situações do NA da Plataforma do Mondego – Senna--Martinez e Ventura, 2008a) como comprovam

- as respectivas dimensões médias: Comprimento 1,96 \pm 0,21 cm, largura 0,96 \pm 0,12 cm, espessura 0,33 \pm 0,05 cm;
- Buril 1 exemplar. Trata-se de um buril diedro em quartzo leitoso (Figura 14: 2124);
- 3. UAD (Utensílio de aresta distal) 1 exemplar. Utensílios expeditos, com funcionalidade entre o buril e o raspador, normalmente obtidos sobre um cristal de quartzo no caso vertente quartzo leitoso ou um seu fragmento robusto, com levantamentos dando forma a um sólido gume diedro na extremidade distal, caso do exemplar de COCB-C (Fig.14: 2125). Na Plataforma do Mondego surgem em contextos habitacionais, do NF (Senna-Martinez, 1989: 528; Senna-Martinez e Luís, 2016: 156 e Tabela 2);
- 4. Lamelas retocadas 2 exemplares. Um fragmento distal em sílex, com retoque marginal bilateral, rasante (Fig.14: 2010) e um exemplar completo em quartzo hialino com retoque semi-abrupto, marginal e parcial no lado esquerdo da face dorsal (Figura 14: 2067). Dimensões médias¹¹: Largura 0,9 ± 0,14 cm, espessura 0,35 ± 0,21cm.
- 5. Raspador circular côncavo (COCB-C/2076) Realizado sobre uma lasca parcialmente cortical de ágata comprimento 2,4 cm, largura 1,9 cm, espessura 0,9 cm. Retoque bifacial, marginal, de inclinação rasante na extremidade distal, mais larga que a base. A morfologia circular do suporte foi aproveitada para a realização deste utensílio. O seu fabrico sobre uma lasca de ágata sendo caso único testemunha provavelmente um aproveitamento ocasional desta rocha.
- 6. Denticulado (COCB-C/2083) Fragmento quebrado longitudinalmente de um denticulado sobre lasca de quartzo leitoso. O cariz irregular do suporte, na parte recuperada, leva-nos a pensar que se trata de uma peça "de oportunidade".

4. A OCUPAÇÃO DO NEOLÍTICO ANTIGO DO OUTEIRO DOS CASTELOS DE BEIJÓS NO CONTEXTO DA PLATAFORMA DO MONDEGO

Localizados preferencialmente em vertentes suaves ou rechãs com boa exposição a nascente ou, ainda, em abrigos sob penedos graníticos – também no caso do Complexo 1 do Penedo da Penha o abrigo abre a nascente – os sítios associados ao Neolítico Antigo da Plataforma do Mondego parecem escolher locais abertos, sem condições especiais de controle da paisagem (Figura 16).

Alguns destes locais associam-se a aspectos particulares da topografia, casos do Folhadal (ORFOL, rechã a meia vertente do vale do Mondego, sinalizada por um Tor granítico – Senna-Martinez e Ventura, 1999, 2008a: Fig.2) e Lapa do Lobo (ORLL, ponto de cota mais elevada do planalto dos Fiais/Ameal - Senna-Martinez, 2018: Fig.4) em que os respectivos habitats são estratigraficamente sobrepostos por monumentos megalíticos de "1ª geração", com construção atribuível ao Neolítico Médio (NM) regional. O caso de ORLL constitui o segundo caso confirmado em que se demonstra tal sobreposição, aliás já anunciada pela associação a mamoas de dólmens de "1ª geração" de bolsas de terras remobilizadas contendo artefactos atribuíveis ao NA (Ventura, 1998, 1995/1996a, 1995/1996b).

Na ausência de evidências arqueográficas directas é difícil tirar grandes conclusões sobre as economias alimentares do NA da plataforma do Mondego. Contudo, dadas as características dos solos e o quadro hoje disponível para realidades posteriores, a partir do Neolítico Final (NF - Senna-Martinez, 1995/1996b; Senna-Martinez e Ventura, 2000), a criação da "paisagem neolítica" na nossa área de estudo não parece traduzir uma ocupação agrícola do espaço. Outros elementos que concorrem para tal opinião são: (1) A manutenção da floresta densa de carvalhos nas áreas baixas sem evidência de desbaste (cf. Knaap e Leeuwen, 1994); (2) a quase total ausência de elementos de moagem nos sítios de habitat conhecidos; (3) fraca representação (contrastando com momentos subsequentes) de instrumentos cortantes em pedra polida. Tomados em conjunto os elementos aduzidos permitem argumentar a favor da fraca componente agrícola nas economias regionais do NA. Quanto à pastorícia, quer os dados dos perfis polínicos da Serra da Estrela, quer a presença de ovi-

^{11.} A lamela de sílex é um fragmento distal, pelo que não foi possível determinar o seu comprimento. A de quartzo hialino tem de dimensões: comprimento 1,9 cm, largura 0,8 cm, espessura 0,5 cm.

caprinos nos sítios do Prazo (Monteiro-Rodrigues, 2000, 2002) e da Fraga d'Aia (Jorge, 1991; Jorge, *et al.* 1988), são de molde a permitir-nos a hipótese de estes fazerem igualmente parte do "pacote neolítico" nos sítios da Plataforma do Mondego.

A olaria do NA do Outeiro dos Castelos de Beijós – bem como a proveniente dos sítios das Carriceiras (CARR), Quinta do Soito (QSOITO), mamoa da Orca 2 do Ameal (ORAM2), BMSR e CPP1 – apresenta características que se integram nas tradições do Neolítico Antigo dito "evoluído" quer da área Estremenha Atlântica quer da Andaluzia (Valera, 1998). Tal constatação já nos conduziu a colocar a questão de uma eventual dualidade de origens para o NA da Beira Alta (Senna-Martinez e Ventura, 2008a) (Gráfico 1).

Por outro lado, o estudo dos módulos de debitagem de produtos alongados nos sítios do NA de que existe informação disponível e quantitativamente significante – CARR, ORFOL e conjuntos remobilizados nas mamoas das ORAM2 e 2 de Oliveira do Conde (OROC2) – aponta para uma debitagem de cariz predominantemente micro-laminar (larguras dos suportes inferiores a 11 mm – Senna-Martinez e Ventura, 2008a), o que aproxima as indústrias líticas destes contextos – em contraciclo com a de COCB-C¹² – das dos contextos da Estremadura Atlântica (Gráfico-1), nomeadamente nos casos dos sítios da Gruta do Almonda, Pena de Água (Carvalho, 1998) e S. Pedro de Canaferrim (Simões, 1999).

Em COCB-C estamos perante uma indústria onde predominam os subprodutos de talhe (89,9%), indicadores de talhe local e utilização de produtos acabados noutros locais, ou seja configurando uma situação de oficina de talhe, que a associação com a cerâmica aponta para um ambiente de cariz doméstico (povoado/acampamento temporário?). O sítio seria, deste modo, palco de duas estratégias complementares quanto á utilização das matérias-primas disponíveis para o talhe: (1) Uma, centrada na utilização de núcleos sem qualquer predeterminação formal – poliédricos e irregulares – e orientada para

a obtenção de lascas; (2) Outra, centrada exclusivamente na utilização de núcleos prismáticos e destinada á obtenção de suportes micro-laminares.

Um cariz mais temporário do estabelecimento em COCB-C justificaria que utensílios e suportes produzidos e ainda em condições de utilização tivessem sido transportados quando este foi abandonado.

Os primeiros casos constatados de remobilização de materiais em terras das mamoas de monumentos megalíticos (casos de ORAM2 e OROC2) seguidos da identificação dos sítios de habitat de ORFOL e ORLL, demonstram que vários dos locais de estabelecimento habitacional do NA serão próximos ou coincidentes com as escolhas de implantação dos primeiros monumentos megalíticos.

Há muito que pensamos que a construção das necrópoles megalíticas no NM e NF regionais – no primeiro caso, os "dólmens de 1ª geração, talvez ainda dentro do primeiro quartel do IV milénio a.C. (Senna-Martinez e Ventura, 2008b), no segundo, os grandes dólmens de corredor desenvolvido, provavelmente ainda dentro do terceiro quartel do IV milénio a.C. (*Id.*, *Ibid.*) – vem legitimar, pela presença próxima dos antepassados aí enterrados, a reocupação sazonal dos territórios de invernia situados nas terras "baixas" da Plataforma do Mondego (Senna-Martinez, 1995, 1995-1996a, 1996 e 2018; Senna-Martinez e Ventura, 2000, 2008a e 2008b; Senna-Martinez, López Plaza & Hoskin, 1997).

As reflexões de cariz paleodemográfico produzidas, em estudo recente, por Salvador Pardo-Gordó e António Faustino de Carvalho vêm substanciar a nossa percepção do desenvolvimento do megalitismo, no NM e na nossa região de estudo, como derivado de pressão demográfica sobre recursos disponíveis (Pardo-Gordó e Carvalho, 2020: p.10).

Para o NA e para continuar a citar o estudo acima referido parece-nos particularmente importante a proposta de uma rarefacção regional da população durante o Mesolítico (*Id.*, *Ibid.*) bem como a constatação de que o Maciço Central divide, de facto, a fachada Atlântica em duas, assimétricas geograficamente – como o demonstrara já Orlando Ribeiro (1945) – mas também do ponto de vista do desenvolvimento do Neolítico.

Ao longo de mais de três décadas de ensino universitário que um de nós (Senna-Martinez, 1995, 2002) desenvolveu a ideia que Orlando Ribeiro demonstrara para Portugal e subjacente a várias das disciplinas leccionadas, de que a Península Ibérica é

^{12.} Contudo a proporção significativa dos núcleos, fragmentos de núcleo e tabuinhas de reavivagem atribuíveis ao tipo prismático (50%), podem querer dizer o contrário, i.e. que mesmo predominando lascas e utensílios sobre lasca neste sítio a produção, poderia também aqui, privilegiar o fabrico de suportes alongados, transportados e utilizados noutros locais.

constituída por um mosaico regional cujo desenvolvimento, nomeadamente ao Longo da Pré-História das Sociedades Camponesas (do NA ao Bronze Final), teve velocidades e até processos diferentes em diversos momentos históricos. O processo de neolitização é, certamente, um desses momentos.

Lisboa, Junho de 2020

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. (1968) – O Domínio Romano em Portugal. Mem Martins. Europa-América.

CARVALHO, A. F. (1998) – Talhe da pedra no Neolítico Antigo do Maciço Calcário das Serras D'Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico. Lisboa. EAM/Colibri. «Textos Monográficos», 2.

CLARKE, D.L. (1978) – *Analytical Archaeology*. Methuen. Londres. 2ª Edição, com revisão de R. CHAPMAN.

DINIZ, M. (2007) – O Sítio da Valada do Mato (Évora): Aspectos da Neolitização no interior /sul de Portugal. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. «Trabalhos de Arqueologia», 48.

JORGE, V. (1991) – Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 31 (1-4), pp. 181-184.

JORGE, V. *et alli*. (1988) – O abrigo com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira - S. João da Pesqueira) - Notícia preliminar. *Arqueologia*. 18, pp. 109-130.

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2000) – A estação neolítica do Prazo (Freixo de Numão – Norte de Portugal) no contexto do Neolítico Antigo do Noroeste Peninsular. Algumas considerações preliminares. *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*. Porto. ADECAP, pp. 149-168.

MONTEIRO-RODRIGUES, S. (2002) — Estação Pré-Histórica do Prazo — Freixo de Numão — estado actual dos conhecimentos. *CôaVisão*. Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa. 4, pp. 113-126.

PARDO-GORDÓ, S. e CARVALHO, A.F. (2020) – Population dynamics during the Neolithic transition and the onset of megalithism in Portugal according to summed probability distribution of radiocarbon determinations. *Archaeological and Anthropological Sciences*, 12: 129.

PINTO, E. Ed. (2006) – Roteiro do Museu Municipal de Carregal do Sal. Câmara Municipal de Carregal do Sal.

RIBEIRO, O, (1945) – Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Lisboa. Sá da Costa

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) — Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural. Tese de Doutoramento em

Pré-História e Arqueologia. Universidade de Lisboa. 3 Vols. policopiada.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1993) – O Grupo Baiões/Santa Luzia: contribuições para uma tipologia da olaria. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 1, pp. 93-123.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1994) – O habitat do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal): a campanha 1(993). *Trabalhos de Arqueologia da EAM.* 2, pp. 243-252.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995) – The Late Prehistory of Central Portugal: a first diachronic view. Katina T. LILIOS, *Ed. The Origins of Complex Societies in Late Prehistoric Iberia*. Ann Harbour (Michigan). International Monographs in Prehistory. «Archaeological Series». 8, p. 64-94.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995/1996a) – O habitat do Bronze Final do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal): a campanha 2(994). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 3/4, p. 285-292.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995-1996b) – Pastores, recolectores e construtores de megálitos na Plataforma do Mondego no IV e III milénios AC: (1) O sítio de Habitat do Ameal-VI. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 3/4, pp. 83-122.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1996) – Do espaço doméstico ao espaço funerário: ideologia e cultura material na Pré-História Recente do Centro de Portugal. *OPHIUSSA*. o, pp. 65-76.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2000a) – O Crasto do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal). J.C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, *Eds., Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 144-145.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2000b) – O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final da Orla Atlântica: os dados do «Outeiro dos Castelos de Beijós» (Carregal do Sal). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 6, p. 43-60.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2002) — Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX. *Arqueologia 2000. Balanço de um século de investigação arqueológica em Portugal.* Lisboa. Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 103-124.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2006) – Do Neolítico Antigo ao Bronze Final. E. PINTO, *Ed. Roteiro do Museu Municipal de Carregal do Sal.* Câmara Municipal de Carregal do Sal. pp. 48-61.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2018) – A shrine in the Neolithic? Orca da Lapa do Lobo, Nelas (c.5000-3000 BC). J. C. SENNA-MARTINEZ, M. DINIZ, e A.F. CARVALHO, Eds. (2018) – De Gibraltar aos Pirenéus. Megalitismo, Vida e Morte na Fachada Atlântica Peninsular. Lapa do Lobo (Nelas). Fundação Lapa do Lobo. pp. 167-181.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e COELHO, M. N. (1994/1988) – O Castro de S. Cosme, os trabalhos de 1987. *Informação Arqueológica*. Lisboa. IPPC. 9, pp. 55-56.

SENNA-MARTINEZ, J. C., LÓPEZ PLAZA, S. e HOSKIN, M. (1997) – Territorio, ideología y cultura material en el megalitismo de la plataforma del Mondego (Centro de Portugal). O Neolítico Atlántico e as Orixes do Megalitismo. Actas del Coloquio Internacional. Santiago de Compostela. «Cursos e Congresos da Universidade de Santiago de Compostela». 101, pp. 657-676.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e Luís, E. (2015) – O Sector B do Habitat do Ameal-VI e o Neolítico Final da Beira Alta. V. Gonçalves, M. Diniz e A.C. Sousa, *Eds. Actas do V Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa. Uniarq. «Estudos e Memórias». 8, pp. 151-158.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; NASCIMENTO, A. Q.; CAR-VALHO, A. F. e ALMEIDA, F. (1993) – A ocupação do Bronze Final do Cabeço do Cucão, Pedra Cavaleira (Silgueiros, Viseu): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 1, pp. 143-147.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e NUNES, T. S. (1993) – A ocupação do Bronze Final do Outeiro dos Castelos (Beijós): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da E.A.M.* 1, pp. 137-141.

SENNA-MARTINEZ, J. C. & PEDRO, I. Eds. (2000) – Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu. Viseu. Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; ROCHA, L. & RAMOS, R. P. (1993) – A ocupação do Bronze Final da Malcata (Carregal do Sal): uma primeira análise. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 1, pp. 149-154.

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (1999) – Espaço Funerário e "Espaço Cénico: a Orca do Folhadal (Nelas). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 5, pp. 21-34.

SENNA-MARTINEZ, J. C. & VENTURA, J. M. Q. (2000) – Os Primeiros Construtores de Megálitos. J. C. SENNA-MARTINEZ & I. PEDRO, *Eds. Por Terras de Viriato: Arqueologia da Região de Viseu*. Viseu: Governo Civil do Distrito de Viseu e Museu Nacional de Arqueologia, pp. 35-38.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e VENTURA, J. M. Q. (2008a) – Neolitização e Megalitismo na Plataforma do Mondego: Algumas Reflexões sobre a Transição Neolítico Antigo/Neolítico Médio. Actas do IV Congreso del Neolítico en la Península Ibérica. Alicante. Tomo II, p. 77-84.

SENNA-MARTINEZ, J. C. e VENTURA, J. M. Q. (2008b) – Do mundo das sombras ao mundo dos vivos: Octávio da Veiga Ferreira e o megalitismo da Beira Alta, meio século depois. *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira. Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. Câmara Municipal. 16, pp. 317-350.

SIMÕES, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra*. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. «Trabalhos de Arqueologia», 12.

VALERA, A. C. (1997) – O Castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do alto Mondego. Lisboa. EAM/Colibri. «Textos Monográficos», 1.

VALERA, A.C. (1998) – A Neolitização da Bacia Interior do Mondego. *Actas do Colóquio A Pré-História da Beira Interior. Estudos Pré-Históricos.* Viseu. 6, pp. 131-148.

VALERA, A. C. (2002-2003) — Problemas da neolitização da Bacia Interior do Mondego a propósito de um novo contexto: A Quinta da Assentada, Fornos de Algodres. *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 10-11, pp. 5-29.

VENTURA, J. M. Q. (1995/1996a) – A Orca 2 do Ameal (Oliveira do Conde, Carregal do Sal): a campanha 3(994), *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 3/4, pp. 271-276.

VENTURA, J. M. Q. (1995/1996b) – A Orca 2 de Oliveira do Conde (Carregal do Sal): a campanha 1(994). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*. 3/4, pp. 277-280.

VENTURA, J. M. Q. (1998) – A Necrópole Megalítica do Ameal, no contexto do Megalitismo da Plataforma do Mondego, Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Neolítico Antigo Produtos alongados em bruto e retocados

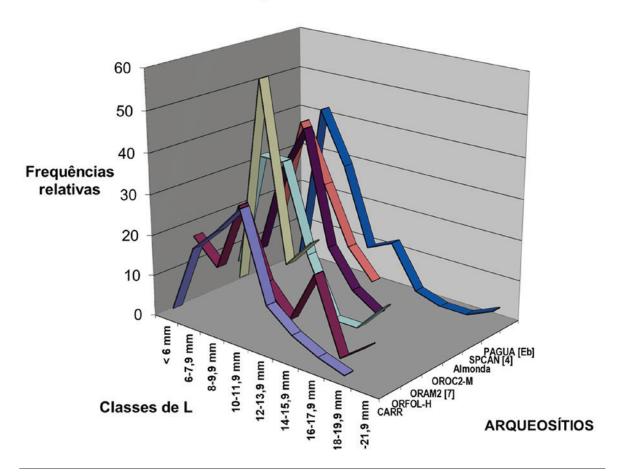


Gráfico 1 – Largura de produtos alongados.

Camp.	Sect.	Nº	Q	UE	Х	Υ	Z	Descrição	Obs.
5(1999)	С	2000	H5	0	0,38	0,06	-1,99	Frgm. c/dec.	
5(1999)	C	2004	F1	0/1	0,58	0,51	-2,66	Frgm. c/dec.	
5(1999)	С	2008	H2	0	0,87	0,72	-2,64	Frgm. bordo c/dec.	
5(1999)	C	2046	G1	0				Frgm. c/dec.	
5(1999)	С	2068	*	S	*	*	*	Frgm. bordo c/dec.	
5(1999)	С	2069	*	S	*	*	*	Frgm. bordo c/dec.	
6(2000)	С	2070	Bloco topo Sector	2	*	*	*	Frgm. bordo c/dec.	
6(2000)	C	2071	Bloco topo Sector	2	*	*	*	Frgm. c/dec.	=2134
6(2000)	B/C	2134	*	S	*	*	*	Frgm. bordo c/dec.	=2071
6(2000)	С	2072	Bloco topo Sector	2	*	*	*	Frgm. c/dec.	
6(2000)	С	2073	Bloco topo Sector	2	*	*	*	Frgm. c/dec.	
6(2000)	С	2116	F8	0	*	*	*	Frgm. c/dec.	
6(2000)	B/C	2133	*	S	*	*	*	Frgm. c/dec.	
6(2000)	B/C	2135	*	S	*	*	*	Frgm. c/dec.	
6(2000)	B/C	2136	*	S	*	*	*	Frgm. c/dec.	
5(1999)	С	2140	*	S	*	*	*	Frgm. c/dec.	
5(1999)	С	2141	*	S	*	*	*	Frgm. c/dec.	
5(1999)	С	2142	*	S	*	*	*	Frgm. c/dec.	

Tabela 1 – Outeiro dos castelos de Beijós. Olaria da Ocupação do Neolítico Antigo.

Tipo	Quartzo Leitoso	Quartzo Hialino	Ágata	Calcário Silicificado	Anfibolito	Sílex/ /Afins	Total	
							n	%
Material de debitagem							30	33,7
Lascas e fragmentos	20	2			1	7	30	33,7
Mat.de reavivagem							17	19,1
Flancos	8	1				3	12	13,5
Tabuinhas de reavivagem	4					1	5	5,6
Núcleos e fragmentos	29					2	31	34,8
Percutores e fragmentos	2						2	2,3
Utensílios							9	10,1
Geométricos - Crescentes	1	1					2	2,3
Geométricos - Triângulo	1						1	1,1
Buril	1						1	1,1
UAD	1						1	1,1
Raspador circular côncavo			1				1	1,1
Denticulado	1						1	1,1
Lamelas retocadas		1				1	2	2,3
SUB-TOTAL	68	5	1	1	1	14	89	
TOTAIS	76,4	5,6	1,1	1,1	1,1	15,7		100

Tabela 2 – Outeiro dos Castelos de Beijós. Indústria Lítica.

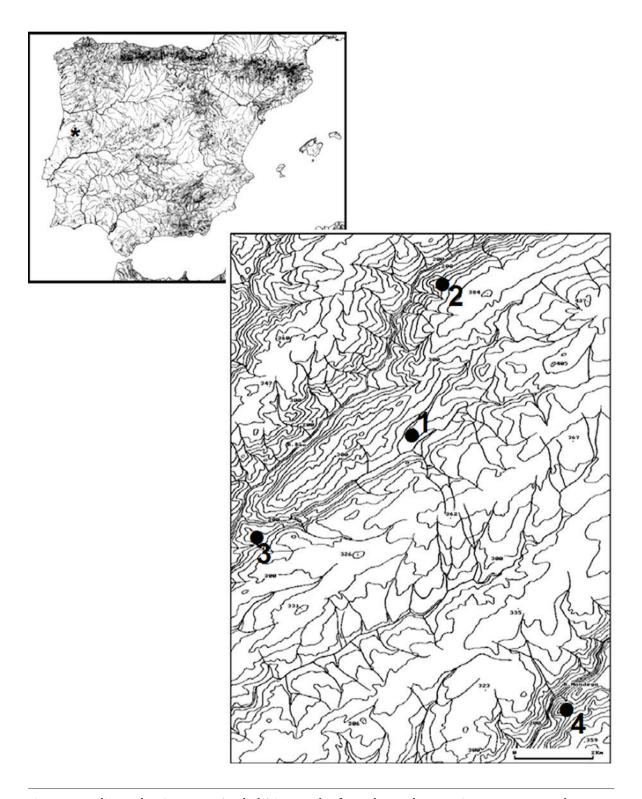


Figura 1 – Localização de COCB na Península Ibérica e na Plataforma do Mondego. 1- COCB; 2- CCPC; 3. Malcata.

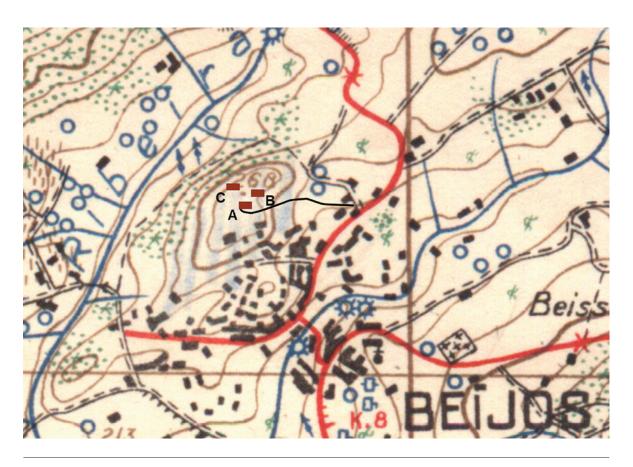


Figura 2 – COCB. Localização dos Sectores escavados na CMP 1:25000, folha 199.



Figura 3 – COCB-C. Topo do Sector com o bloco de terra virado pela máquina assinalado.

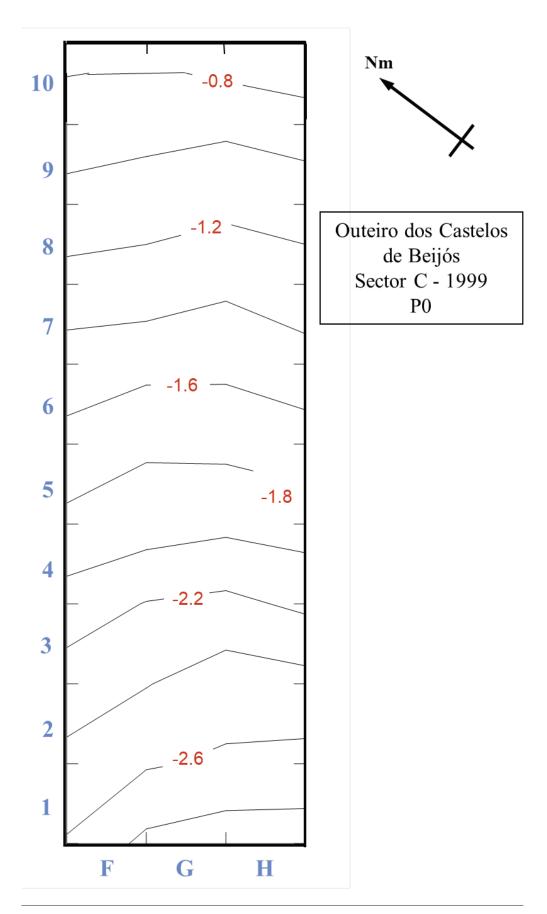


Figura 4 – COCB-C. Topografia superficial do Sector C.

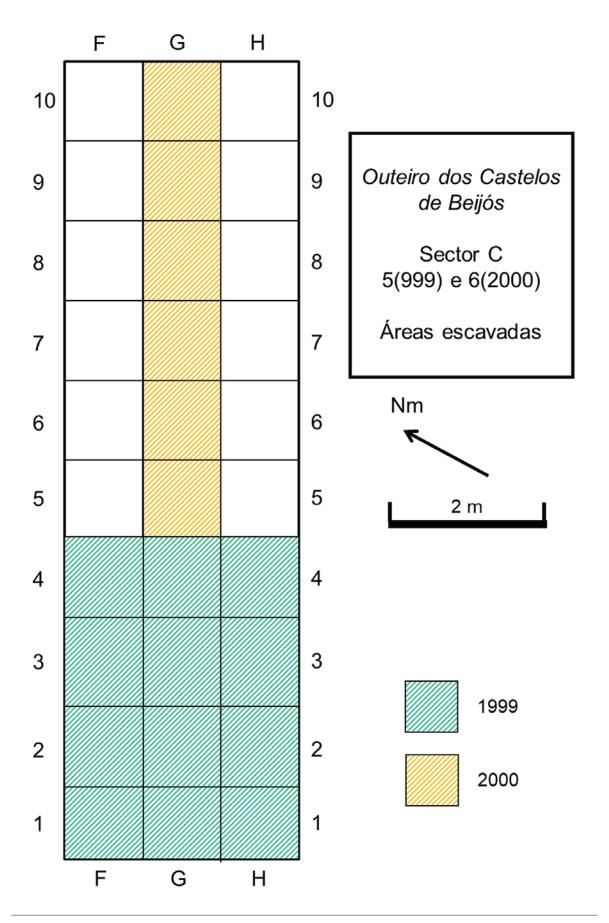


Figura 5 – COCB-C. Áreas escavadas nas Campanhas de 1999 e 2000.



Figura 6 – COCB-C. Campanha de 1999 - Topo da unidade estratigráfica [1].



Figura 7 – COCB-C. Campanha de 2000. Início da escavação da parte superior da vala de sondagem com os granitos alterados já à vista.



Figura 8 – COCB - C. Campanha de 2000. Final da escavação da vala de sondagem com granitos alterados à vista.

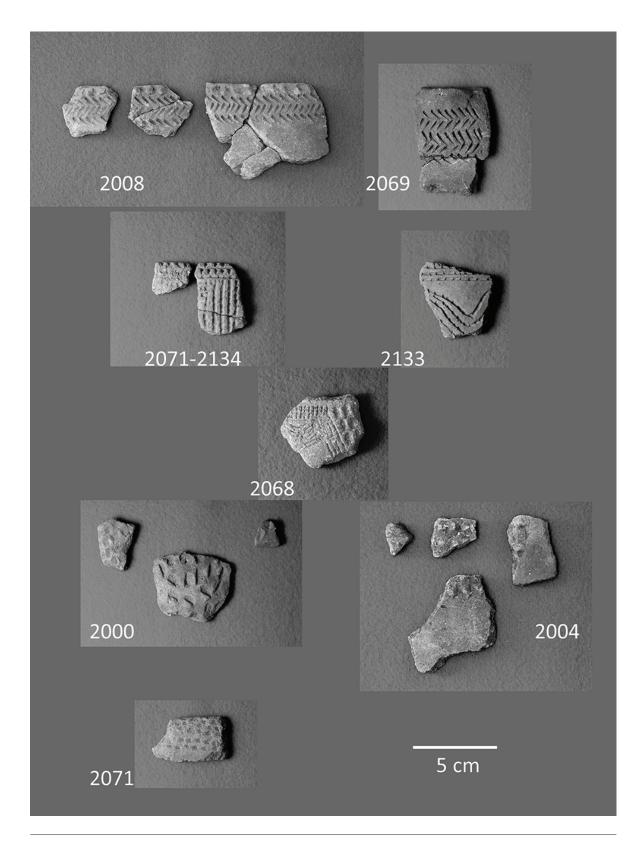


Figura 9 – COCB-C. A olaria decorada do NA.

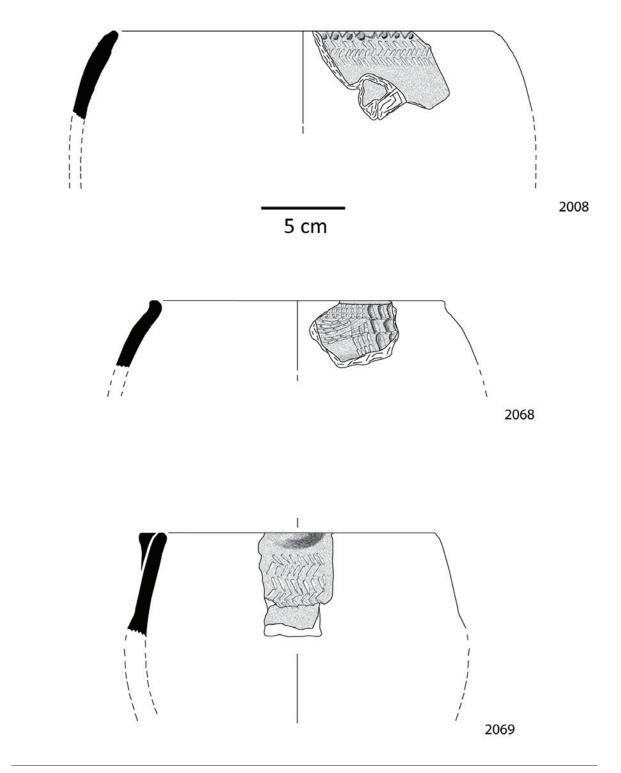
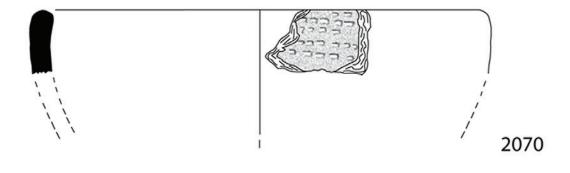


Figura 10 – COCB-C. Recipientes reconstituídos graficamente do NA.



5 cm

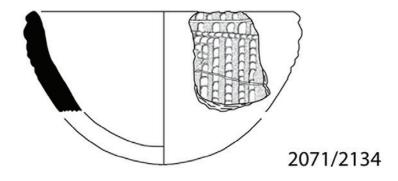
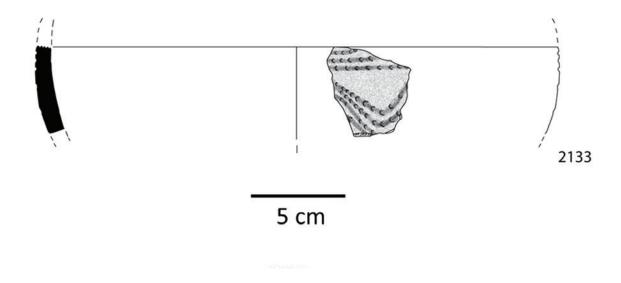


Figura 11 – COCB-C. Recipientes reconstituídos graficamente do NA.



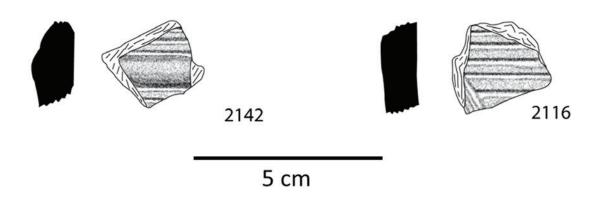


Figura 12 – COCB-C. Olaria do NA.



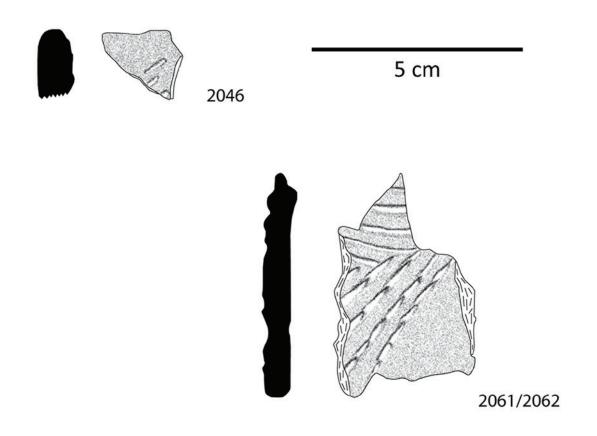


Figura 13 – COCB-C. Olaria do NA (2011 e 2046) e do Bronze Final (2061/2062), ilustrando diferenças na técnica de boquique.

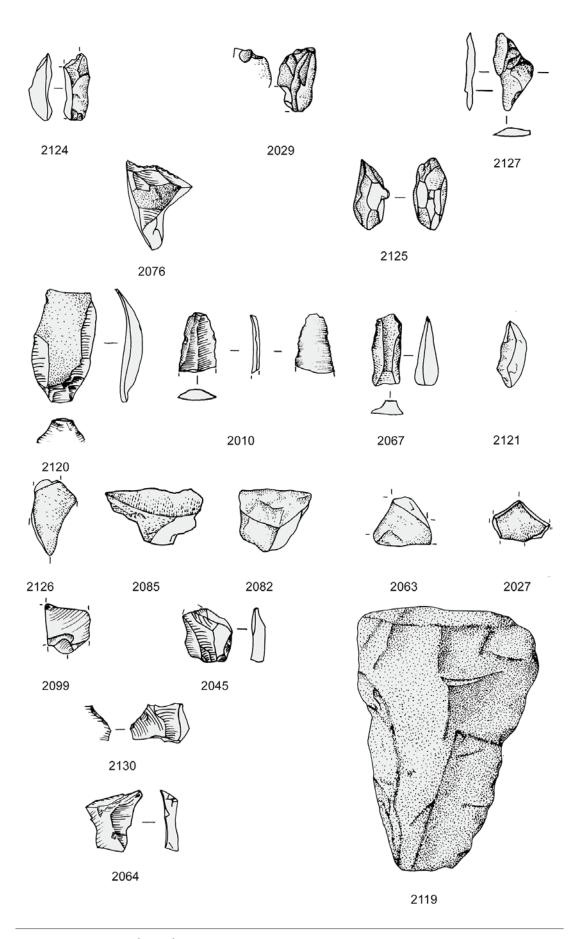


Figura 14 – COCB-C. Indústria lítica.

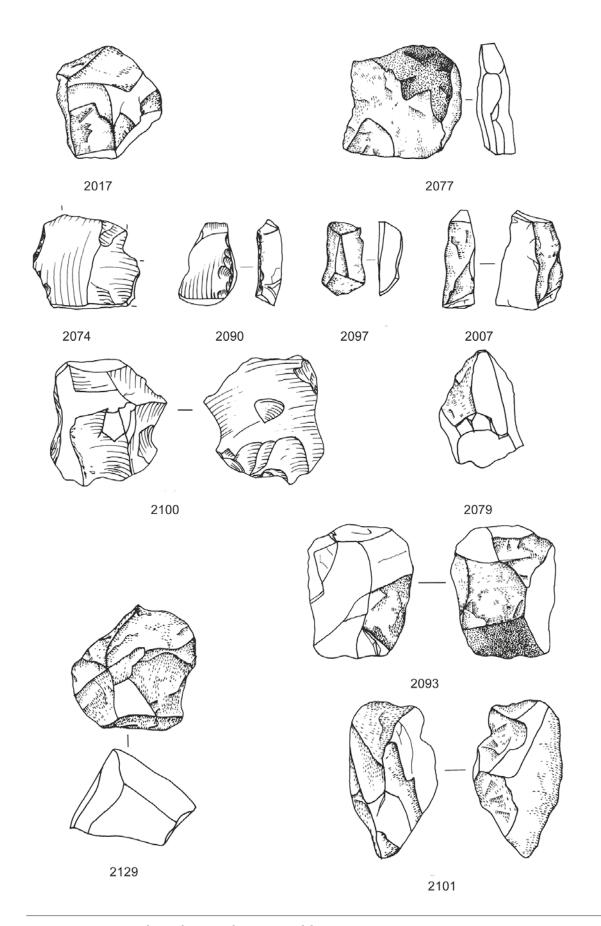


Figura 15 – COCB-C. Indústria lítica. Núcleos e material de reavivagem.

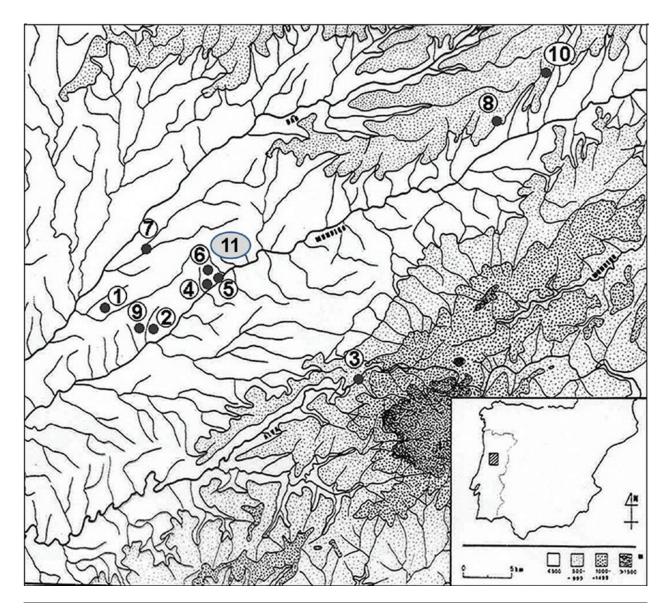


Figura 16 – Localização dos sítios do Neolítico Antigo na Plataforma do Mondego (sg. VALERA, 2003 – Modificado): 1 – Carriceiras; 2 – Mamoa da Orca 2 do Ameal; 3 – Buraco da Moura de S. Romão; 4 – Penedo da Penha; 5 – Quinta do Soito; 6 – Habitat do Folhadal; 7 – Outeiro dos Castelos de Beijós; 8 – Quinta da Assentada; 9 – Mamoa da Orca 2 de Oliveira do Conde; 10 – Quinta das Rosas; 11 – Habitat da Lapa do Lobo.

